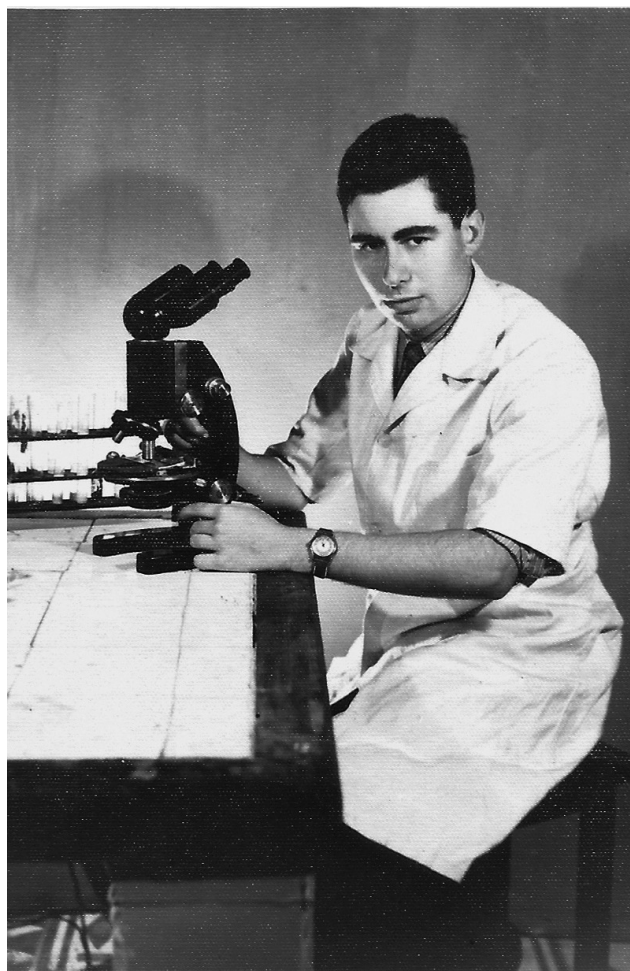


PETER ULRICH HEYNEMANN¹

(Berlim, Alemanha, 1928; Rio de Janeiro, Brasil, 1992)



Peter Ulrich Heynemann no laboratório da Escola
Nacional de Química.

Rio de Janeiro, 1950. Fotografia não identificado.
Acervo: Heynemann/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

¹ Texto de autoria de Claudia Beatriz Heynemann, pesquisadora do projeto *Vozes do Holocausto* do Arqshoah-Leer/USP, reconstituído a partir das lembranças de seu pai e de pesquisas realizadas em arquivos pessoais e institucionais. Rio de Janeiro, 28.7.2017.

A família Heynemann

Meu nome é Claudia Beatriz Heynemann, filha de Peter U. Heynemann e Mariana Erika Heynemann. Nasci em 28 de setembro de 1961, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Atendendo ao convite da Profa. Maria Luiza Tucci Carneiro, escrevo aqui a história do meu pai a ser publicada na Coleção *Vozes do Holocausto*. Sua trajetória foi reconstituída com base nas informações que ouvi e reuni no decorrer da minha vida, da contribuição de minhas irmãs e mãe, e por meio das minhas pesquisas como historiadora. Coloco-me aqui como porta-voz das suas lembranças.

Chegaram no verão carioca, a bordo do navio Antônio Delfino, em 19 de janeiro de 1939. Acompanhado dos pais e da avó materna, Peter U. Heynemann, meu pai, recordava-se de ter dito ao desembarcar: “Salvos”. Essa expressão e um pedaço de chocolate selaram os primeiros momentos na cidade.

Nascido em Berlim, onde residia até então, ele viveu sob o regime nazista a partir de 1933 e, tendo deixado a Alemanha já com 10 anos, tinha uma vívida lembrança do que se passou naqueles anos que antecederam imediatamente a partida. Como muitos judeus dos grandes centros urbanos europeus, embora não fossem religiosos, mantinham sua identidade



Berlim, cidade natal de Peter U. Heynemann.
Google Maps.

judaica, cabendo à avó materna conservar as tradições, festas e receitas de que não se esqueceria, sobretudo a primeira noite de *Pessach**, que meu pai fazia questão de celebrar todos os anos, utilizando-se de um livro trazido da Alemanha, uma *Hagadá** para crianças, na qual se movimentava um barquinho de papel com o pequeno Moisés.

Peter U. Heynemann era filho de Hans Heynemann (1881-1939), químico, Ph.D.^A e de Walda Eva Heynemann, (1899-1949), médica, formada na Universidade de Königsberg, em 1927 (HALBERSTAEDTER, 1927), e especializada em oftalmologia. Um recente memorial dedicado aos oftalmologistas judeus sob o nazismo inclui Walda entre aqueles cujos destinos só foram conhecidos pelos autores em 2014, estando anotado que “emigrou com o marido Hans e o filho Peter em 1938”. Em uma nota, os autores acrescentam que Walda Eva Heynemann faleceu em 17 de agosto de 1949. Minha avó vinha de uma família antiga, tendo se localizado, na segunda metade do século XVIII, o nome de Moses ben Isaak, que alterou seu nome para Moritz Halberstaedter, antes mesmo de essa exigência ser imposta aos judeus no início do século XIX. Era o avô de Paul, por sua vez casado com Coelesta, nascida Pomeranz, pais de Walda, natural de Elbing, na Alemanha, hoje uma cidade da Polônia.^B

A família Heynemann era de Magdeburgo, na Alemanha, e sua história é mais conhecida pelos descendentes do que a da família Halberstaedter, tanto pela narrativa de Peter às filhas quanto pelos documentos guardados e pelo registro literário deixado por Clara Malraux, em solteira Goldschmidt, primeira esposa do escritor André Malraux e prima de meu pai. Vivendo

A- Hans Heynemann era sócio em um laboratório que produzia cimento dentário. Embora não conheçamos outros artigos de sua autoria, identificamos a publicação de um trabalho científico referenciado em 1932, um ano, portanto, antes da ascensão do nazismo: Befestigungs- und Isoliermittel für Zementzahnfüllungen. Das Mittel besteht aus Kieselsäurealkylestern. Disponível em: <http://delibra.bg.polsl.pl/Content/20412/b2_nr6.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2016. Em português: “Meios de solidificação e isolamento para obturações de dentes com cimentos dentários”.

B- ROHRBACH, J. M.; THIES, C. 70 Jahre nach dem Ende des 2. Weltkriegs und der NS-Diktatur – die letzten Namen der “Gedenklste jüdische Augenärzte”. *Klinische Monatsblätter für Augenheilkunde*, v. 5, p. 691-696, 2015. DOI: 10.1055/s-0034-1383402. Disponível em: <<https://www.thieme-connect.de/products/ejournals/pdf/10.1055/s-0034-1383402.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2016; Genealogia disponível em: <<http://gen.scatteredmind.co.uk/ancestors/55>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

em Paris onde parte da família havia se radicado, Clara passava temporadas com a família em Magdeburgo e tinha um especial afeto por seu tio, a quem dedicou um capítulo – “Mon oncle Hans” – no livro autobiográfico *Le bruit de nos pas* (MALRAUX, 1992).



Walda Eva Heynemann. Elbing, Alemanha, 1911.

Fotógrafo: Bruno Blaschy.

Acervo: Heynemann/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Ali ela descreve a relação e a afinidade que tinha com Hans, a visita ao apartamento de meus avós em Berlim, as conversas que mantiveram. Dos encontros relatados, destaca-se o que seria o último: “Nós vamos e voltamos, perto e longe, da França à Alemanha, da Europa à Ásia. Mas sabemos que temos uma pátria, que voltamos para casa. E um dia alguns não puderam mais retornar”. Meu tio, prossegue, “deixou a Alemanha para o Brasil em 1938, com a esposa e um filho”. Encontraram-se em Boulogne, na escala de algumas horas, quando o capitão do navio permitiu que os passageiros judeus, que pagando em marcos, Clara destaca, ainda viajavam como seres humanos, pisassem mais uma vez o solo europeu. “Eu vi o nascimento de uma religião atroz. Agora, aconteça o que for não voltarei mais à Alemanha” lhe disse Hans enquanto caminhavam pelo cais, onde ela se despediu de sua jovem tia e do primo. No Brasil, conclui, Hans morreu na miséria poucos meses após sua chegada, sem mesmo ter retirado da alfândega o que pôde transportar de seu laboratório. “Esse tio químico que se interessava pela história e pela literatura”, como definiu Clara (MALRAUX, 1992, p. 38).

Peter se correspondeu com a prima, tendo a reencontrado mais tarde em Paris, em 1980. Ele falou sobre isso em 1988, em um depoimento publicado no suplemento “Ideias” do *Jornal do Brasil* assinalando que não



Hans, Walda Eva e Peter Heynemann. Berlim, Alemanha, verão de 1929.
Fotógrafo não identificado. Álbum de fotografias de família.
Acervo: Heynemann/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

havia convivido com Clara na Alemanha, dada a difícil situação que se impôs logo a partir de 1933.^A Desses anos em Berlim recordou o permanente sentimento de medo, uma percepção de perigo que ia aumentando, tendo observado que em 1936, durante os jogos olímpicos, a vida dos judeus melhorou um pouco, devido à presença de estrangeiros, levando os alemães a ocultar os sinais mais evidentes das leis de exceção. As restrições impostas aos judeus estavam bem presentes em sua vida, como a proibição de tomar o bonde, de frequentar a escola com crianças cristãs, as longas caminhadas na neve, o temor de sua mãe, a cada noite, de que o pai não retornasse para casa.

Hans enfrentava ameaças de denúncias vindas do sócio alemão que pretendia ficar com a empresa, e meu pai, mesmo criança, já desejava partir, o que se acirrou depois da *Noite dos*

A- HEYNEMANN, Peter Ulrich. Minha prima Clara. Depoimento a Liliane Ruth Heynemann. *Jornal do Brasil*, 30 jul. 1988. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&PagFis=169530>. Acesso em: 30 abr. 2016

Vozes do Holocausto

Cristais de 9 novembro de 1938, da qual guardou a memória da caminhada no dia seguinte para a escola e a visão das lojas quebradas, inclusive dos seus tios, e de toda a destruição promovida pelos nazistas. Desde 1933, os judeus foram atingidos pelo confisco de bens e pelas restrições de trabalho, como dois dos tios de meu pai, Max e Harry Heynemann, atacadistas exportadores de batatas, fato reconhecido pela justiça alemã com o fim da guerra. Max conseguiu ir para os Estados Unidos com o filho Erwin, enquanto Harry e a esposa tiveram um trágico fim: da França foram deportados para Auschwitz.^A



Hans Heynemann (quarto a partir da esquerda) com os irmãos na Alemanha, 1924.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Heynemann/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

A- Ver Monsieur Harry HEYNEMANN né le 24/08/1876 à MAGDEBOURG. Déporté à Auschwitz par le convoi n° 19 au départ de Drancy le 14/08/1942. De profession Commerçant. Mémorial de la Shoah. Disponível em: <<http://bdi.memorialdelashoah.org/internet/jsp/core/MmsRedirector.jsp?id=21953&ctype=VIC-TIM#>>. Acesso em: 7 ago. 2017.



Peter e Hans Heynemann no apartamento em que viviam. Berlim, junho de 1938.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Heynemann/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

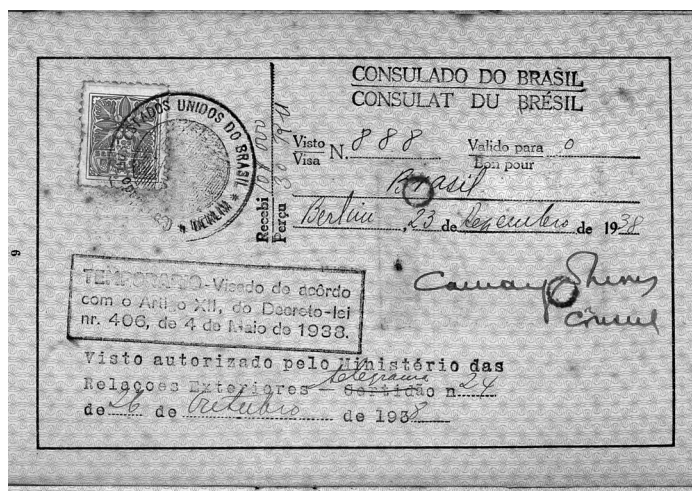
O Brasil como opção

Já então Hans procurava uma saída recusando, primeiro, um convite para a Hungria – “quero um oceano entre Hitler e a minha família” – e recebendo afinal um convite para trabalhar no Brasil como químico, em uma empresa de produtos odontológicos. Nessa ocasião, obtiveram um visto temporário, autorizado pelo Ministério das Relações Exteriores, pelo telegrama nº 24 de 26 de outubro de 1938 e assinado em Berlim, em 23 de dezembro de 1938, pelo cônsul do Brasil. A proximidade dessa data com a da partida, e da própria expedição do passaporte de Walda e Peter no dia 5 daquele mês, coincide com a narrativa

Peter Ulrich Heynemann



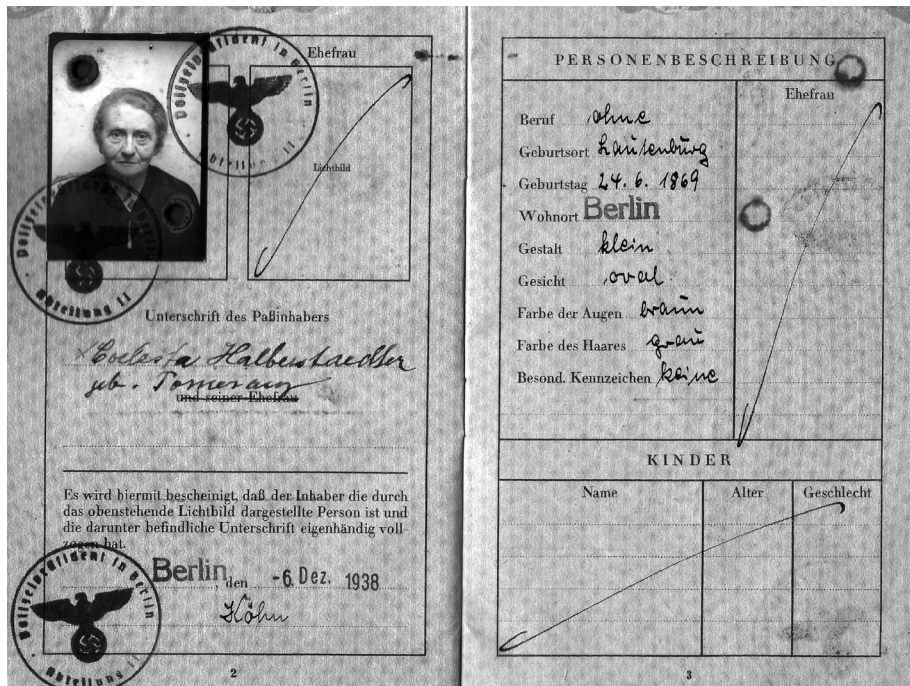
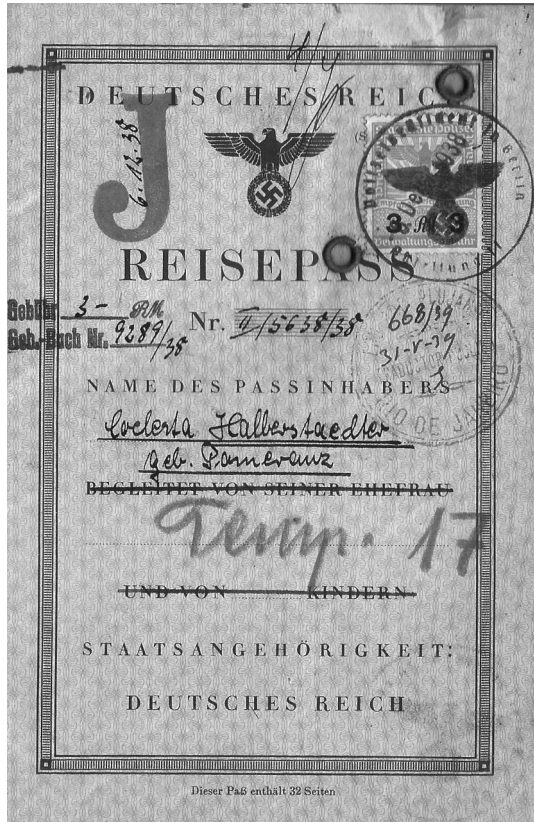
Identificação do filho da titular, Peter Ulrich Heynemann, no passaporte de Walda Eva Heynemann [capa]. Berlim, 5.12.1938. Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras – RJ. BR RJANRIO BO. Processo 302.615, 1946. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.



Visto temporário emitido pelo consulado do Brasil em 23 de dezembro de 1938. Passaporte de Walda Eva Heynemann. Berlim, 5.12.1938. Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras – RJ. BR RJANRIO BO. Processo 302.615, 1946. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Vozes do Holocausto

Passaporte de Coelesta
Halberstaedter. Berlim,
dezembro de 1938.
Acervo: Heynemann/RJ;
Arqshoah-Leer/USP.



Peter Ulrich Heynemann

O Brasil era lindo e quente, e podiam-se colher orquídeas nas ruas segundo meu avô, talvez inspirado pela literatura de viagens que possuía em sua biblioteca. Foi ele também que levou um jogo de xadrez para as trincheiras na Primeira Guerra Mundial, temendo se entediar. Em Berlim, antes da ascensão do nazismo, possuía um barco no qual recebia muitos amigos que aparecem em fotografias dos anos 1920, início da década de 1930, com irmãos, a esposa e o filho, e muitas outras imagens de férias, que hoje têm uma nota melancólica, assim como as fotografias da turma de escola de Walda Eva, pois sempre parecem anteceder a catástrofe e deixar a pergunta: “Quem sobreviveu?”.

Hans chegou muito doente ao Rio de Janeiro, contaminado por benzeno, sofrendo de anemia aplástica, e viveu aquele único ano no Brasil recebendo cartas de familiares que acreditavam que a Cruz Vermelha ia levá-los de trem, o que provocou seu comentário,

desolado, que sabia serem essas as últimas notícias que viriam dos parentes. Na primeira noite no Brasil, em uma pensão no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, Peter não se esqueceria da enorme angústia que sentiu ao se dar conta de que estavam tão longe, na América do Sul, e que nunca retornariam ou voltariam a ver o resto da família. E logo depois com a morte do pai, ficariam ele, a mãe e a avó. Em 1940, de acordo com portaria de permanência expedida pelo Ministério da Justiça, nº 914, de 6 de novembro de 1940, obtiveram a autorização de permanência no Brasil concedida a sua mãe, um processo iniciado já em 1939, o que os livrou da deportação, uma vez que, com o falecimento de Hans, deixava de haver uma justificativa para ficarem no país.



Peter Ulrich Heynemann provavelmente a bordo do navio Antonio Delfino que o trouxe ao Brasil. Dezembro de 1938-janeiro de 1939.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Heynemann/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

O retorno à Alemanha representava um perigo real, considerando-se a política antissemita do Estado Novo para os refugiados judeus, com



Documento de identidade de estrangeiros de Walda Eva Heynemann.
Rio de Janeiro, 24.01.1941.
Acervo: Heynemann/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

a adoção de uma série de restrições para a entrada no país, incluindo as circulares secretas que passaram a ser emitidas desde 1937. O problema era anterior, desde 1933, evidenciado por personalidades da comunidade judaica inglesa que pressionaram pela abertura da imigração aos judeus alemães junto ao Ministério das Relações Exteriores, como descreve Maria Luiza Tucci Carneiro (2010). Uma carta em nome de associações judaicas para imigração solicitava ao governo brasileiro o fim de uma série de barreiras, entre elas a exigência das cartas de chamada, e “ressaltava as qualidades profissionais e a cultura dos judeus alemães, apresentados como verdadeiros mestres e técnicos especializados. Como trabalhadores qualificados, enumerava: eletricitas, montadores de automóveis, químicos, decoradores, engenheiros, arquitetos etc.” (CARNEIRO, 2010, p. 69).

Assim, torna-se compreensível que, no pedido de permanência de minha avó no Brasil, fosse fundamental o apoio da empresa que havia contratado seu marido, e que intercedeu pela viúva junto a Negrão de Lima, que ocupava o posto de chefe de gabinete do ministro da Justiça Francisco Campos. A Odol era uma tradicional marca de creme dental e líquido enxaguatório bucal; inventados na Alemanha por Karl August Lingner,

esses produtos chegaram ao Brasil na década de 1920 onde foram produzidos pelos Laboratórios Daudt.

Uma nova vida

Em seguida à morte de Hans, a família morou nos bairros da Glória e de Ipanema, no Rio dos anos 1940. A dificuldade em validar seu diploma levou minha avó a trabalhar como enfermeira, e os plantões, as dificuldades e a responsabilidade por um filho menor e a mãe idosa contribuíram muito para sua morte precoce, aos 50 anos, em 1949. Meu pai foi bolsista em colégios tradicionais do Rio de Janeiro e contou sempre com amigos de dentro e fora da comunidade judaica, destacando-se o Dr. Konrad Loewenstein, médico judeu alemão e seu amigo a vida toda. Durante a adolescência, frequentou grupos sionistas, tendo se preparado para migrar para Israel, o que não se mostrou possível então. Desde o início, um sócio da Associação Religiosa Israelita (ARI), do Clube Hebraica no Rio de Janeiro, contribuía para sociedades beneficentes e assinava publicações judaicas e israelenses, tendo mantido a vida toda o interesse e o vínculo com a cultura judaica. Ele mesmo um químico e, como o pai, um ávido leitor de diversos gêneros literários e de História ainda no ensino médio deu aulas particulares em residências, atividade declarada no pedido de naturalização de 1950, que se seguiu ao processo de permanência definitiva em 1946. Com a morte da mãe, responsável pela avó, mudou-se para uma pensão no bairro do Flamengo, na Praça José de Alencar, de propriedade de uma amiga de infância de Walda, Ella Flatow, a “tia Ella” e que interessa aqui, pois lá se reuniram muitos imigrantes, inclusive de origem judaica, revelando um interessante universo do pós-guerra, que não deixava de ser dramático na visão de meu pai, dado o desajuste e a fragilidade de muitos sobreviventes. Graduado pela Escola Nacional de Química como químico industrial, a despeito de ter crescido e estudado no Brasil, foi classificado em estudo recente entre os “diversos cientistas estrangeiros que para cá vieram” (VARELA; DOMINGUES; COIMBRA, 2013, p. 301-319).

Ele conheceu sua futura esposa Mariana Erika Feith no curso de química da Universidade do Brasil, uma sobrevivente tcheca, nascida em Praga, que chegou ao Brasil com os pais

Vozes do Holocausto

Wilhelm e Sidonie Feith e a irmã Elizabeth em 1940, tendo perdido dois tios, Viktor^A e Fritz Engel, e a avó, Karolina Engel, na *Shoah**. Meu avô materno era alemão, tendo emigrado para a Tchecoslováquia para escapar ao nazismo, e conheceu minha avó em um baile da juventude comunista, pois ambos tinham uma tradição de militância de esquerda. A família Engel dividia-se entre comunistas e sociais-democratas, e o pai, Ignaz, era um ativo sindicalista dos ferroviários. Em Praga, meus avós frequentaram os

A- Viktor Engel estava em navio alemão afundado por forças aliadas ao final da guerra. Segundo testemunhos e notícias da época, os responsáveis não sabiam que havia prisioneiros a bordo. Karolina Engel ou Lina Gruen (sobrenome de solteira), tal como registrado no decreto de naturalização de sua filha Sidonie, foi transportada para Theresienstadt na então Tchecoslováquia e de lá deportada. Na base de dados do Museu Yad Vashem, em Jerusalém, localizamos o registro de Lina Engel, cujo nome de nascença era Grin. Nascida em Goeding, na então Tchecoslováquia, em 1880, Lina foi morta na *Shoah*. A informação é baseada na página de testemunho submetida pela sua cunhada Zhaneta Angel, residente em Israel.



Sidonie, Wilhelm e Mariana Feith. Praga, 1938.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Heynemann/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

cafés em que intelectuais como Max Brod se reuniam e, já no Brasil, conheceram a artista Fayga Ostrower, o escritor Jorge Amado, entre outros.

A entrada no país foi possível graças à obtenção da carta de chamada providenciada pela irmã de Wilhelm que já vivia no Rio de Janeiro, e somente depois da guerra souberam o que havia ocorrido com os demais membros da família, por meio dos dois irmãos de minha avó, que voltaram a viver em Praga. Em entrevista sobre a história dos imigrantes judeus para o Rio de Janeiro,^A em 1991, Sidonie forneceu importantes documentos para a publicação que reuniu os

A- Sobre o momento da chegada ao Brasil, minha avó materna se recordaria de ter um sentimento ambíguo, misto de esperança e apreensão: “mas quando eu vi, no navio, à primeira vista, eu fiquei tão feliz, eu vi de longe umas palmeiras e casas brancas, eu fiquei tão feliz... Achei tudo bonito. Muito bonito. Disse: ‘Deve ser... Vai ser uma vida boa, não?’. Só tinha pena dos outros que ficaram lá” (cf. ANASTASSAKIS, 2007, p. 95).



Ludwig e Ernst Engel em Brno, cidade onde viveram antes da guerra na então Tchecoslováquia, 1949.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Heynemann/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

depoimentos, desde a carta reproduzida na capa, escrita após a guerra por um de seus irmãos narrando o que havia ocorrido com eles durante a ocupação nazista, até uma nota

Vozes do Holocausto

de dinheiro que circulava no campo de Theresienstadt, na então Tchecoslováquia, em 1943, enviada por seu irmão Ernest Engel (CARNEIRO, 2010, p. 69).

Peter e Mariana tiveram três filhas (Claudia Beatriz, Irene Walda e Liliane Ruth), quatro netos (Rafael, Bernardo, Victor e Guilherme), residindo sempre no Rio de Janeiro, cidade



Casamento de Peter Ulrich Heynemann e Mariana Erika Heynemann (sobrenome de solteira: Feith).

Rio de Janeiro, 8.5.1954. Fotografia não identificado.

Acervo: Heynemann/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

que meu pai conhecia tão bem e amava, percorrendo livrarias, restaurantes, ruas do centro, a praia. Ele era conhecido pelo senso de humor, pela visão psicanalítica (por ser um leitor das obras de Freud e mesmo como paciente do Dr. Herbert Gunter Arthur Freund), pelo imenso interesse cultural (que incluía a arqueologia), pela superproteção às filhas, pela inteligência. Só voltou à Europa e a Berlim 40 anos depois de partir, tendo guardado sempre um elo com a língua alemã, falada em casa, idioma no qual lia muitos livros, entre os quais os de Thomas Mann, seu autor favorito. Mais tarde ingressou no último ano do curso Goethe, do consulado alemão, tornando-se professor, e é significativa a escolha da novela de Mann, *Mário e o mágico*, uma clara alegoria do fascismo, como tema da sua monografia.

Viajou a Israel, uma das experiências mais importantes naqueles anos, lugar de eterno retorno, que havia sido um projeto de juventude e de muitos momentos. Voltou a Berlim uma última vez, em 1992, um mês antes de vir a falecer, quando revisitou os lugares da infância, passeou de barco no mesmo lago onde seu pai ancorava, foi à rua em que morou. O Holocausto e os traumas sofridos em sua experiência pessoal orientaram uma parte essencial da sua visão de mundo, de suas opções políticas, de seu repúdio a todas as formas de preconceito e às ditaduras: viveu no Estado Novo e sentiu-se sempre oprimido ao longo da ditadura militar, de 1964 a 1985. A memória da perseguição, do exílio, principalmente a dor pelo que aconteceu com os que ficaram na Europa, se fazia sentir na importância que dava aos inúmeros amigos, à vida, à cultura, e a sua família, que, como para tantos sobreviventes, constituiu também uma resposta.